

OS PADRÕES TRANSGERACIONAIS FAMILIARES: UMA ANÁLISE DO FILME “VIDA MARIA”

FAMILY TRANSGERACIONAL PATTERNS: AN ANALYSIS OF THE FILM “VIDA MARIA”

Djenane Batista Freitas Soares¹
 Evelyn Poliana Pita Clemente²
 Kelly luzia Rodrigues Botelho³
 Sebastião Carreiro da Silva⁴
 Solange Aparecida Duran Vilela⁵
 George Moraes De Luiz⁶

Resumo

Este trabalho foi elaborado com a finalidade de compreender como ocorre o processo de transgeracionalidade das famílias, para alcançar essa finalidade trouxemos a análise de um curta metragem intitulado “Vida Maria” que vem mostrar esse aspecto trazido pela psicologia sistêmica, em que, através de uma lealdade entre gerações, as famílias trazem seus Legados, Valores, Crenças, Segredos, Ritos e Mitos. Para trazer a público essa perspectiva realizamos uma pesquisa de literatura que sustentou teórica e metodologicamente nosso trabalho, além de uma descrição fílmica destacando essa lealdade, na observação e descrição das cenas e catalogando imagens, que ressaltem a percepção desse fenômeno acontecendo de forma automática no cotidiano de uma família.

Palavras-Chave: Psicologia, Psicologia Sistêmica, Transgeracionalidade, Família, Filme.

Abstract

This work was elaborated with the purpose of perceiving how the process of transgenerationality of families occurs, to achieve this purpose we brought the analysis of a short film entitled “Vida Maria” that shows this aspect brought about by systemic psychology, in which, through a loyalty between generations, families bring their Legacies, Values, Beliefs, Secrets, Rites and Myths. To bring this perspective to the public, we conducted a literature search that supported our work theoretically and methodologically, in addition to a film description highlighting this loyalty, in the observation and description of scenes and cataloging images, which highlight the

¹ Estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. E-mail: djenane.eemn@gmail.com

² Estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. E-mail: evelynpoliana@icloud.com

³ Estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. E-mail: kellynhabotelho2016@gmail.com

⁴ Estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. sebastiaocarreiro@hotmail.com

⁵ Estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. soldurann@hotmail.com

⁶ Professor titular do curso de Psicologia do UNIVAG. E-mail: george.luiz@univag.edu.br

perception of this phenomenon happening in an automatic way in everyday life of a family.

Key-Words: Psychology, Systemic Psychology, Transgenerationality, Family, Film.

1. Introdução

Ao pensar na elaboração deste trabalho propomos refletir as questões que envolvem as relações familiares e as causas de conflitos na vivência das famílias, encontrando na Teoria Sistêmica o fenômeno da transgeracionalidade familiar. Para responder essas proposições buscamos, através de uma revisão de literatura, compreender os principais padrões transgeracionais transmitidos de uma geração familiar para outra.

Iniciamos nosso mergulho na literatura buscando um breve histórico do surgimento do conceito de família e da história da teoria Sistêmica, assim como o seu percurso pela cibernética. Ao passar pelo contexto histórico de família e pela transição de sua estrutura, apresentamos duas palavras chaves que nortearam nossa busca: afeto e consanguinidade. Mas antes é preciso compreender sua história.

O significado da palavra Família origina-se no latim *famulus*, que tem como significado: conjunto de servos e dependentes de um senhor, podendo também ser traduzido em “escravo doméstico” (PRADO, 1981). Ressalta-se que o conceito de família sofreu mudanças ao longo da história, de maneira a acompanhar a própria evolução da sociedade. A maior mudança tem sido a transição do modelo patriarcal, herança da nossa própria cultura, para um modelo baseado na afetividade humana (GOMES; RESENDE, 2004).

No contexto do Brasil o entendimento de família, conforme a Constituição Federal Brasileira de 1988, é definida como uma comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. E seus direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (BRASIL, 1988). Segundo Prado (1981) “É através da família [...] que o Estado pode exercer um controle social sobre os indivíduos, impondo-lhes diferentes responsabilidades conforme cada momento histórico” Mudanças ocorreram através do tempo e alguns grupos foram responsáveis por essas mudanças.

O feminismo teve um papel fundamental na luta pela igualdade de gênero e influenciou a mudança da família hierárquica, fundamentada sob o poder patriarcal. Através do enfraquecimento da hierarquia nas relações de gênero, no final do século XX, foram surgindo interações horizontais entre homens e mulheres. A partir de então as mulheres conseguem dedicar-se à própria carreira profissional, mesmo que as desigualdades de gênero ainda estejam presentes no mundo contemporâneo (FIGUEIREDO; DINIZ, 2018).

Nessa mudança, os movimentos feministas das décadas de 1960 e 1970 foram os protagonistas do processo de legitimação do espaço público como um espaço também da mulher. Esses movimentos contribuíram para a desconstrução da naturalização das diferenças entre os sexos e evidenciaram as múltiplas relações de poder que perpassam o ser homem e o ser mulher no mundo. As mudanças ocorridas nas relações sociais correspondem, também, às transformações nessas representações de poder (FIGUEIREDO; DINIZ, 2018).

A cultura é uma teia invisível que integra e une os indivíduos, onde tudo está ligado e cada parte sistêmica depende uma da outra. Esse pensamento multidimensional tem como plano de fundo o entrelaçamento biológico cultural do existir humano em suas redes de conversações, logo, a construção pessoal se consolida por meio desse sistema de relação, tendo a família como núcleo inicial. Através deste sistema é possível compreender problemas e mobilizar competências para o desenvolvimento e a saúde mental dos membros (TEODORO et al., 2020).

Cada família compõe uma trajetória histórica de mudanças e padrões diversos, de conjunturas sociais distintas. Muitas famílias contêm um passado emigratório, de abandono das antigas famílias e apropriações de novos espaços em busca de uma vida melhor, já outras de padrões não tão transitórios assim, mantendo sua transgeracionalidade intacta (PRADO, 1981).

Com a evolução da história e da mudança na estrutura familiar, foi possível transformar o poder e agregar o afeto, de maneira a caminhar mais próximo da inclusão e da solidariedade. Famílias com diferentes gerações, monoparentais e homoafetivas são redes de relações afetivas geralmente aptas a dar suporte para os membros, propiciando o desenvolvimento saudável em um ambiente protetivo. A metamorfose familiar permitiu que essas novas formas de família agregassem diversos sujeitos e ampliaram a visão do que é o cuidar.

2. Referencial Teórico

2.1 Famílias e suas origens

O desenvolvimento industrial contribuiu, em grande parte, para a emigração de famílias do campo para a cidade. Essas pessoas, por razões sociais, políticas e financeiras, deixaram para trás famílias e estruturas inteiras, passando de extensas famílias a constituição de famílias nucleares. Outra mudança radical que perpassa a história das famílias é a influência da religião, na qual concebia a “verdadeira moral” da época, missionários católicos pregavam sobre a castidade, a obediência da mulher ao homem, a fidelidade e a criação dos filhos dentro dos princípios religiosos (PRADO, 1981).

O modelo da família nuclear, constituído por pai, mãe e filhos(as), tem sido privilegiado na concepção construída historicamente sobre o grupo familiar – concepção que corresponde ao modelo hegemônico da família tradicional burguesa, monogâmica e patriarcal, oriunda da união de um casal por laços legais e legítimos (SILVA, 2005; SZYMANSKI, 1994 Apud BORSA; NUNES, 2011). Nesse modelo, a mulher sempre ocupou um lugar fundamental, por meio do papel da maternidade, já o homem foi apoiado pela cultura ocidental que, sendo patriarcal, lhe reservou um lugar distante do contexto doméstico (GOMES; RESENDE, 2004).

No início do século XXI, homens e mulheres vêm contribuindo para o estabelecimento de novas formas de relações no contexto sociofamiliar contemporâneo. A psicanálise e o movimento feminista reforçaram o declínio da força ideológica vinda da família patriarcal. A partir da consideração do sujeito de direito como sujeito de desejos, passou a ser inadmissível que mulher e filhos fossem assujeitados ao poder e desejo de um patriarca. Assim a família perdeu sua rígida hierarquia, deixou de ser essencialmente um núcleo econômico e de reprodução, passando a ser o espaço do amor, de afeto e o lócus de formação e estruturação dos sujeitos (Negreiros; Feres-Carneiro, 2004).

Apesar de não serem apenas essas as influências na transformação das famílias, é possível compreender a multiplicidade de influências que escoam no tocante a família. É certo dizer que muito se tem ainda a percorrer nesse caminho de mudanças para o amor, garantindo que a família seja autêntica, que os sujeitos estejam acima de tudo, vivenciando seu afeto e comungando de um ambiente sadio e acolhedor. Olhando de outro viés, é também agradável perceber pela própria história

da estrutura familiar, que um longo progresso já foi alcançado e contamos com a colaboração dos eventos que vamos relatar para entender como se dá esse movimento de geração a geração.

2.2 Abordagem Sistêmica Familiar

A Teoria Geral dos Sistemas foi descrita pela primeira vez em 1937, pelo biólogo austríaco Ludwing Von Bertalanffy. O grande mérito dessa teoria é que não foi aplicada apenas no âmbito da Biologia, mas conquistou seu espaço também nas Ciências Sociais. Essa teoria indica que o organismo, como um todo, busca atingir um objetivo a partir de suas condições, com uma reatividade que visa o equilíbrio (homeostase) e dirigindo-se a mudanças. Seguindo essa lógica, da mesma maneira que o universo é composto de elementos que se inter relacionam e constituem sistemas, assim como a maneira como o corpo humano é composto de sistemas neurais, também a família possui um sistema formado pelas contínuas interações entre seus membros e sua relação, como uma totalidade, com o exterior (BERMÚDEZ; BRIK, 2010).

Em um primeiro momento da ciência, a ênfase dada ao método cartesiano levou ao desmembramento do pensamento e a uma atitude generalizada de enaltecimento do reducionismo na ciência, na esperança de que todos os aspectos dos fenômenos pudessem ser compreendidos se divididos e reduzidos às suas partes constituintes. Mas o desenvolvimento do pensamento reducionista de Descartes leva ao surgimento de um novo paradigma, o de que o universo é um todo unificado que pode, até certo ponto, ser dividido em partes separadas, mas que há nele uma teia dinâmica de eventos inter relacionados (CASTRO, 2002).

Segundo Costa (2010), o pensamento original era que a orientação teórica sistêmica pudesse ser aplicável a toda estrutura humana, sem preocupação com diferenças culturais ou étnicas. Porém, gradativamente, foram surgindo através de críticas importantes complementos que se incorporaram a esse pensamento original, sendo algumas delas: a crítica feminista à ausência da perspectiva de gênero e poder no enfoque sistêmico; a dimensão intrapsíquica que buscou recuperar o indivíduo no grupo familiar; as emoções e as heranças transgeracionais; os significados nas conversações e o lugar da família no contexto sociocultural. O desafio foi enxergar a família além das individualidades e buscar o padrão de influência mútua que se observa nas condutas de seus membros.

A esse aspecto dinâmico do sistema que se concebe o conceito de “Cibernética”, em que se estuda a comunicação e o sistema de controle dos organismos vivos, assim também nas máquinas. Conforme ocorreu o estudo e desenvolvimento da Cibernética, esta pode ser dividida em duas partes: de primeira e de segunda ordem (CASTRO, 2002).

Para a primeira ordem Cibernética o que interessa é a estabilidade e a estrutura, ela se ocupa dos mecanismos e processos pelos quais os sistemas em geral funcionam, de maneira a manter sua organização. Os sistemas, de acordo com essa concepção, funcionavam como uma meta e tinham como finalidade o equilíbrio, cujo alcance era garantido por mecanismos de regulação (CASTRO, 2002).

Com o surgimento da segunda ordem Cibernética, questiona-se o valor da autonomia diante de um “aspecto dinâmico” a qual pretendem dirigir o sistema a determinado lugar. Um dos princípios fundamentais dessa ordem é a noção de autorreferência, conceito que não é trazido pela primeira ordem Cibernética, pois esta compreende seus modelos como correspondentes a uma realidade que independe do observador. Para a segunda ordem Cibernética, o observador está inserido na observação que realiza e aquele que descreve suas observações, descreve também a respeito de si (CASTRO, 2002).

Segundo Castro (2002) o conceito de autorreferência é trazido pela Cibernética, pelo Construtivismo e pelo Construcionismo Social, e esses dois últimos, aparecem para dar consistência ao pensamento Cibernético. Segundo o Construtivismo, fundamentado nas ideias da Psicologia do Desenvolvimento, os indivíduos reagem ao mundo conforme o percebem, sendo todo conhecimento autorreferente, essa teoria busca dar conta da construção das estruturas cognitivas que o indivíduo elabora no decorrer do seu desenvolvimento. Já para o Construcionismo Social, fundamentado nas ideias da Psicologia Social, os critérios para o conhecimento individual são circunscritos pela cultura, história ou pelo contexto social; portanto, procura dar conta das construções que os indivíduos elaboram coletivamente.

As teorias pós-modernas da Psicologia não estão mais preocupadas com a dualidade indivíduo versus social, pois compreendem a comunicação entre ambos, o indivíduo é o nível particular mais o social. Porém, foram as críticas às grandes dicotomias que caracterizaram as teorizações modernas e o Construcionismo e o Construtivismo, apesar de aparentemente conflitantes, tem o mesmo propósito em comum: a crítica ao acesso possível a uma realidade que independe do indivíduo e a

rejeição ao enfoque cartesiano de investigação científica. As propostas teóricas se reportam aos princípios conceituais da filosofia pós-moderna, na qual compreende o sistema como um todo (ARENDT, 2003).

Esteves de Vasconcellos (2002) em sua obra “Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência” apresentou uma nova proposta epistemológica para o estudo das interações intra e entre sistemas, que podiam ser observadas em famílias, considerando a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade no contexto. Portanto, para a autora, a família pode ser compreendida como um sistema em relação, que deve ser visto em seu contexto; em sua complexidade, com interações múltiplas e diversas; em sua instabilidade e em sua intersubjetividade.

O adjetivo qualitativo “sistêmico”, faz referência a totalidade de um sistema ou a um organismo em seu conjunto. O pensamento sistêmico foi introduzido nas psicoterapias de maneira a fazer um giro no foco da atenção para as doenças, o diagnóstico e os transtornos, podendo voltar a atenção para a interação, os problemas e as dificuldades (BERMÚDEZ; BRIK, 2010). Para Castro (2002) o terapeuta não é mais um implementador de técnicas, mas um possibilitador de resoluções. Através de um espaço para a conversação, ele busca compartilhar e acompanhar a visão de mundo trazida pela família, de maneira a co-construir realidades alternativas, onde o sistema terapêutico desenvolve novas perspectivas que não trazem em si o comportamento sintomático.

2.2.1. O fenômeno da Transgeracionalidade na Abordagem Sistêmica

Segundo Martins e Rabinovich (2008), a família se define como uma unidade emocional, nela seus membros interagem de forma tão intensa que o funcionamento de um influencia no funcionamento de outro, nesse sentido temos na família um produto que está influenciando as gerações subsequentes.

A partir dessa interpretação do conceito sistêmico de família entende-se família como conjunto que dialoga e interage entre seus membros e que há padrões de comportamentos que são transmitidos por gerações, por causa da Lealdade. Na lealdade, existe um sentimento de pertencimento, é um traço que aparece tanto na família como no grupo. Observa-se que a lealdade na família executa seu desígnio, que é cumprir e propagar entre seus membros mandatos transgeracionais (FALCKE; WAGNER, 2005).

O conceito de lealdade, é indispensável para a compreensão da estrutura relacional mais íntima da família e de outros grupos, podendo ser definida em termos moral, político e psicológico. A lealdade é criada a partir dos relatos de acontecimentos do grupo familiar, pelo tipo de justiça que é praticada e por seus mitos (FALCKE; WAGNER, 2005).

Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2008) a palavra lealdade deriva da língua francesa “loi”, que significa lei. No entanto, mostram mais do que uma simples noção de norma respeitosa da lei, a sua natureza reside na trama invisível das expectativas do grupo, essas fibras invisíveis, onde estabelecem compromissos de lealdade tem grande poder de união dentro da família. Conjectura, que para ser um membro leal a um grupo, o indivíduo deve introjetar as expectativas grupais e acatar uma série de atitudes com finalidade de cumprir os mandatos interiorizados. A Lealdade traz um padrão, uma necessidade automática de transmissão dos Legados, Valores, Crenças, Segredos, Ritos e Mitos, os quais trataremos a seguir.

2.3 Padrões de transmissão

2.3.1 Legado

O legado é um evento que mostra para as próximas gerações os principais pontos da família atual e o que se espera é que a continuidade seja mantida. De acordo com Falcke e Wagner (2005): O legado é visto como um processo que ocorre em formas de etapas uma delas sendo seletiva e outra de transmissão do que se selecionou para a geração seguinte na expectativa de que se tenha continuidade, dessa forma carrega em si um pouco de cada fenômeno para que possa ser levado para a próxima geração.

2.3.2 Valores

Os valores familiares são pontos da vida, individual ou coletiva, que são propagados de maneira evidente ou velada, entre os integrantes da família. São aspectos que a família se preocupa em transmitir para que a tradição seja mantida; exemplo casamento. Esses valores na maioria das vezes são definidos como sinônimo de crenças familiares (FALCKE; WAGNER, 2005).

2.3.3 Crenças

As crenças são definidas com um conjunto de hipóteses em relação ao que é certo ou errado e isso vai influenciar e pode ser absorvido pela família ou não. Então podemos dizer que uma determinada crença define a identidade familiar, isso vai passando por gerações e assim definindo outras construções transgeracionais. Como ensina Dallos (1996): “O conceito de crença tem sido definido a partir de aspectos religiosos, morais, cognitivos e pessoais.”

2.3.4 Segredo

Os segredos familiares, é outro padrão de transmissão geracional que possui perigos e curas, vejamos:

Segredos familiares podem conter aspectos tanto curativos quanto perigosos, podendo levar a reconciliações e gratas surpresas, bem como a divisões ou rompimentos temporários ou permanentes. É importante avaliar cada caso, pois ainda há embate teórico quanto à ética da revelação ou não (FELIPPIN; WILKE, 2018).

Segredo é um modo de dizer que alguma coisa ou alguém é um segredo, que está escondido, não é público. Por isso o segredo é uma informação valiosa, porque se tornada pública pode comprometer algo ou alguém. A família denominada de “célula” da sociedade e geracional contém no seu seio os segredos os quais são partes constitutivas das relações culturais das famílias, ora de forma curativa, ora de forma negativa causando dor, ferida e podendo trazer rupturas. O segredo não é linear, de forma que acontece em todas as famílias com o mesmo teor, ora, há segredos de traição, de abuso infantil, de mortes, segredos de maus tratos a idosos, segredos de família referente à herança, a partilha dos bens o qual se perpetua como herança cultural (FELIPPIN; WILKE, 2018).

Quando revelados suas consequências provocam distanciamento nos relacionamentos, desconfiança, mal-estar, inveja, intrigas e até rupturas nos laços afetivos. Em outra instância, quando o segredo é trabalhado no sentido de partilhar o que está escondido, ou seja, de ser revelado, causa uma situação de alívio, de respeito, de responsabilidade, de amadurecimento e libertação de um jogo que causava grande sofrimento psíquico, como se houvesse a quebra de uma maldição, tornando as relações mais fraternas entre seus membros (FELIPPIN; WILKE, 2018).

2.3.5 Rito

Rito tem origem no termo latim *tutus*. Trata-se de um costume ou de uma cerimônia que se repete. Os ritos são símbolos e tendem a expressar o conteúdo de

algum mito. Segundo Imber-Blac; Roberts Apud Fiamenghi (2002), ritos são símbolos que auxiliam os indivíduos a fazer um trabalho de relacionamento, mudança, cura, crença e celebração.

Pode-se dizer que rituais são simbólicos de acordo com cada família, porque possuem significados diferentes. Os ritos de passagem são celebrações que vão estruturar uma família, podendo ter caráter social, comunitário ou religioso. Os mais comuns são ligados à nascimentos, mortes, casamento e batismo. Esses ritos acompanham a humanidade desde os primórdios e fazem parte total de uma sociedade. São desenvolvidos de acordo com a cultura inserida e através de gerações familiares (IMBER-BLAC; ROBERTS, 1992).

2.2.6 Mito

A palavra mito é originária do grego, *mythos* derivado de dois verbos: *mytheyos* – cantar, narrar e *mytheo* - conversar, contar, anunciar, nomear, designar, utilizados para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, como: as origens do mundo e do homem. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram.

Um dos objetivos do mito era transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado, através de rituais em cerimônias, danças, sacrifícios e orações. No contexto familiar o mito é um sistema de crenças integradas e compartilhadas por todos os membros da família a respeito de seus papéis mútuos e a natureza de sua relação, fazendo com que a força do meio familiar esteja sempre viva e presente em cada um de seus membros. Os mitos se perpetuam nas famílias, como forma de organização, com a finalidade de manter a coesão grupal, servindo para fortalecer os papéis sociais de cada um (FIAMENGHI, 2002).

A família possui diversos mitos; dentre eles temos: o mito da união que favorece o pertencimento e a manutenção dos padrões afetivos em que casar e viver feliz para sempre faz parte da concepção de família, proteção e amor eterno; O mito da prosperidade que está vinculado ao patrimônio da família; o mito da religião que aparece norteadas pela prática de determinada religião por todos e que tem significados e conotações especiais; mito da conquista e do sucesso que determinam a seus membros status; o mito da autoridade em que se estabelece uma hierarquia

de poder em que seus membros exercem determinadas funções que asseguram sua autoridade (MUNHOZ; CENTA; LENARDT, 2004).

3. Metodologia

A metodologia deste trabalho divide-se em duas etapas: revisão de literatura e análise de um curta-metragem em 3D. Em um trabalho acadêmico se faz necessária a utilização de método científico para que se possa produzir qualquer material com validade acadêmica e/ou científica. Para trazer aos leitores as informações compiladas, escolhemos dentre as formas metodológicas de pesquisa a pesquisa qualitativa.

Para Vieira (2010) antes de iniciar uma pesquisa dessa natureza deve-se limpar a mente de hipóteses preconcebidas, conceito que em nosso caso será muito valioso pois esse trabalho trata-se mais especificamente da revisão de literatura. Não queremos aqui levantar nenhuma hipótese, mas sim relatar o que os estudiosos da psicologia sistêmica têm elaborado até o presente trabalho no que tange aos aspectos da transmissão geracional.

Apresenta-se notadamente um trabalho que, segundo Hohendorff (2014) incumbe-se de sumarizar estudos prévios e de informar aos leitores quais são as informações publicadas de determinada área de investigação. Para então fazer relações e contradições, apontar lacunas e inconsistências na literatura e poder indicar soluções para os problemas encontrados.

A revisão literária foi aprofundada na abordagem sistêmica, os processos de transgeracionalidade e as formas de influência que essa questão traz para as famílias, para realizar então tal pesquisa, sendo necessário o estudo de arquivo pessoal do orientador prof. Dr. George Moraes De Luiz e da base de dados científica *Scielo* Brasil, tendo como palavras chaves: psicologia, sistêmica, família e transgeracional.

Através dos artigos encontrados, conceitua-se a família dentro da abordagem sistêmica e a dinâmica transgeracional que envolve seus mais diversos aspectos, que são traduzidos relatando os padrões de legado, valores, crenças, segredos, ritos e mitos. Tais padrões são transpostos de uma geração para outra através do fenômeno da lealdade que ocorre de forma consciente ou inconsciente, mas que acaba por transpor gerações, sendo assim, se faz responsável pela manutenção de comportamentos familiares.

Com o intuito de melhor exemplificar como se dá esse fenômeno passamos a segunda etapa do nosso trabalho que vem a ser a apresentação de uma análise fílmica, ancorando-se nos métodos de análise observacional e análise crítica do discurso, de maneira a apresentar os padrões transgeracionais observados.

Recentemente encontramos uma maior produção de teses acadêmicas sobre o cinema brasileiro e/ou mundial que tem contemplado tais filmes como objetos para a discussão de temas em questão. Através desse modelo de pesquisa ganha-se a possibilidade de refletir sobre experiências que ocorreram no passado e sobre realidades que são mais difíceis de serem acessadas, outro ponto importante a acrescentar sobre às produções cinematográficas, é que fornecem o componente não-verbal dos eventos e das práticas. Flick (2004) apresenta que os filmes oferecem a vantagem do acesso repetido, pois podem ser vistos e analisados sem limite de repetição, podendo transpor as limitações da percepção.

Desta maneira acredita-se que tal metodologia é capaz de proporcionar *insights* analíticos importantes para a observação dos padrões familiares, bem como o estudo sobre os comportamentos do grupo familiar e a análise da mudança do conceito de família em diferentes momentos da história. Sendo assim possível ampliar as lentes para as oportunidades que o cinema oferece, mostrando que este tem o poder de instigar e motivar o pesquisador no desenvolvimento do conhecimento científico.

O filme selecionado foi o curta-metragem *Vida Maria* (RAMOS, 2006) uma produção cinematográfica que apresenta uma circularidade narrativa, onde a sina se repete em gerações distintas da mesma família, família esta que vive no sertão do Ceará, carregada de uma série de valores culturais e familiares que nos permitiu fazer uma análise sob a ótica sistêmica.

4. Resultados e Discussão

4.1 Curta-metragem Vida Maria

Sertão é uma palavra carregada de significados que encerra em si um enorme poder de evocação de sentimentos, imagens e sentidos que estão hoje profundamente arraigados no imaginário brasileiro. Levando em consideração que uma definição é sempre produto de uma construção social, o significado de sertão foi tomando corpo e significados ao longo da experiência histórica e cultural brasileira. Sendo assim não só dá consistência a um espaço geográfico, como também um

conteúdo cultural, o sertão é considerado como um lugar de tradições e costumes vividas nesse espaço, que o qualifica e cuja força simbólica se faz sentir quando dita a palavra sertão (CAVALCANTE, 2006).

Nesse contexto social, geográfico e cultural que se passa a narrativa, uma região que traz em seu povo características marcantes quanto às tradições familiares, essas experiências do sertanejo com o sofrimento, a submissão, a pobreza e a falta de perspectivas aparecem vívidas na narrativa, o que nos permite lançar um olhar sistêmico e crítico sobre o documentário que tem uma caracterização muitíssimo organizada, tanto em termos de cenografia quanto em relação à descrição dos próprios personagens.

Trata-se de uma problematização sobre a família e reprodução humana, destacando as experiências subjetivas e relacionais dos membros de um grupo familiar do nordeste do Brasil, em um contexto de alta vulnerabilidade socioeconômica. A partir do rompimento dos sonhos de infância, que são substituídos pela dura realidade laboral do cotidiano doméstico, onde retrata a ausência de escolarização, a socialização de gênero e a reprodução das dinâmicas culturais.

Maria, a menina de cinco anos que não consegue vivenciar sua infância em decorrência de questões socioculturais mantidas pela família a qual pertence, esforça-se para aprender a escrever seu nome, se encontra acuada pela mãe, pois a mesma não teve acesso à educação e transmite isso para sua filha dizendo ser, a educação, uma perda de tempo. Podemos ver que as experiências vividas na infância são determinantes para a construção do indivíduo e dos valores e Maria não consegue romper o ciclo que atravessa por várias gerações sua família, por isso faz a mesma trajetória das Marias do passado, reproduzindo a história novamente. Observamos na imagem abaixo a desvalorização do acesso à escolarização que perpetua a desigualdade nesse ciclo vicioso da vida das Marias.

Figura 1 - Maria acuada pela mãe, quando a encontra escrevendo seu nome.



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Quando Maria José desenha e escreve seu nome no caderno, é o momento que ela expressa sua vontade de aprender a ler, talvez veja nos estudos a única possibilidade de não reproduzir a mesma história das mulheres de sua família.

A falta de incentivo e oportunidade fizeram com que ela deixasse os estudos de lado, reproduzindo os mesmos padrões de comportamento, restrita aos afazeres domésticos. A mãe, ao privar e não incentivar a filha nos estudos, faz com que ela desista dos seus sonhos e desejos; Maria José vê sua realidade se moldar aos mesmos modelos apresentados, sem questionar, talvez por desconhecer outra realidade.

Algumas cenas do filme descrevem os sentimentos dos personagens, como por exemplo a cor da roupa, o olhar no horizonte, a fisionomia e o semblante amargo e triste da mãe e do pai de Maria. O semblante amargo e duro da mãe reflete a vida dura do sertão nordestino, sem chuva, sem perspectiva de uma vida diferente que se repete dentro daquele espaço geográfico, exercendo seu papel de servir ao marido, gerar filhos, cuidar dos afazeres domésticos para favorecendo assim a transgeracionalidade familiar.

Outro aspecto invisível do filme é o silêncio, representado no documentário como um silêncio enquanto falta de discussões em função do papel que cada membro tem na família, parece transmutar um código de conduta onde cada um exerce seu papel sem questionar, mesmo o pai, aparece como figura apagada, no entanto, o mesmo exerce o papel patriarcal, que vale ressaltar que o conceito de família sofreu mudanças ao longo da história, de maneira a acompanhar a própria evolução da sociedade.

A maior mudança social tem sido a transição do modelo patriarcal, herança da nossa própria cultura, para um modelo baseado na afetividade humana (GOMES; RESENDE, 2004). No entanto, encontramos esse modelo ainda influenciando famílias que mantêm essa estrutura do patriarcado justamente por não ter acesso a informações e uma história de vida que reforça a manutenção dessa estrutura familiar, herança das gerações anteriores em que todos obedecem ao pai, o qual dita as normas, que fica evidente no gesto de todos tomarem bênção com a mãe e seguir o pai na lida com os animais e na produção de alimentos.

Figura 2 - Fila de filhos passam e pedem bênção para a mãe.



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Outro aspecto que denota atenção é caracterizado pelo figurino das mulheres representadas pelas Marias. No cinema, segundo Munsterbeg (1983), quando as vestes são sempre escuras, elas configuram o luto e a tristeza, enquanto a alegria se manifesta em roupas vistosas.

Na infância de Maria, as roupas são floridas e tem cores, conforme ela vai envelhecendo, as cores se tornam neutras. Seus cabelos nunca estão à mostra, mas sempre presos e cobertos por um lenço. Portanto, a sua imagem não apresenta nenhum traço de vaidade feminina e as adversidades do trabalho a fazem parecer bastante envelhecida.

Figura 3 - Maria ainda jovem em roupas coloridas

Figura 4 - Maria mais velha em cores neutras



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Sobre a vida das mulheres no sertão, Falci (1997) certifica que:

Mulher casada passa a vestir-se de preto, não se perfumava mais, não mais amarrava seus cabelos com laços de fitas, não comprava vestidos novos. Sua função era ser 'mulher casada' para ser somente vista pelo marido. Como mulher – esposa, seu valor perante a sociedade estava diretamente a 'honestidade', expressa pelo recato, pelo seu exercício de suas funções dentro do lar e pelo número de filhos que daria ao marido (p.269).

Compreendemos assim, o figurino das Marias, posto nas imagens anteriores, expressando a cultura que se remete ao papel da mulher enquanto família patriarcal nordestina. No início do filme, a feição das marias é meiga e tranquila, ao decorrer do filme, é possível perceber o suspiro, que demonstra seu cansaço. Já no final, ela aparece mais “carrancuda”, demonstrando o sofrimento perpassado, ao longo das gerações.

Outro fator importante é o misticismo, que no curta aparece representado nas figuras das imagens de Nossa Senhora Aparecida, padre Cícero e no crucifixo posto em uma pequena mesa simbolizando um altar. Para o povo Nordestino tudo que acontece no sertão é pela vontade de Deus. Segundo os autores Souza e Medeiros (1983) é comum que a questão religiosa esteja atrelada aos discursos do nordestino, mostrando o apelo do nordestino aos santos, a fé, como um grande refúgio, e às vezes como última solução diante de tanto sofrimento e a seca.

Quanto aos valores, os valores familiares são pontos da vida, individual ou coletiva, que são propagados de maneira evidente ou velada, entre os integrantes da

família. São aspectos que a família se preocupa em transmitir para que a tradição seja mantida. (FALCKE; WAGNER, 2005). Verificamos a transmissão desses valores sendo manifestadas na família de Maria quando aparece a importância do trabalho e do casamento representadas nas cenas em que, os homens mexem com os animais e saem para trabalhar enquanto a mulher cuida da casa, da roupa e da reprodução da família.

O trabalho está na escala de valores como uma necessidade enquanto o estudo não tem importância, e é descrito no diálogo da mãe de Maria José, quando a interrompe enquanto está escrevendo seu nome, a mãe diz a ela: *“Em vez de ficar perdendo tempo ‘desenhando nome’ vá lá fora arranjar o que fazer, vá! Tem pátio para varrer, tem água para levar pros bichos, vê se tu me ajudas”*.

Quando Maria José, no final do vídeo, diz para a filha: *“Menina, aqui não é lugar nem hora pra fazer isso, ficar desenhando nome”*, em repetição ao que a mãe ensinou para ela, indica o valor passado para a filha. Nesse mesmo diálogo, fica implícito que lugar é esse, mas na cena seguinte descobrimos que é o velório das avós.

Figura 5 - Velório da avó



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Como ensina Dallos (1996), no que concerne às crenças, constata-se que é um conjunto de pressupostos que, pela identidade familiar, definem o que é considerado o “certo” e o “errado”. Sendo assim, “escrever não é certo, trabalhar que é”, frisando a importância da lavoura e do trabalho. Escrever o nome não é estudar ou aprender, é só “desenhar o nome” é perder tempo. Essa é uma crença passada de geração em geração.

Observa-se ainda na cena do velório, em cima de um aparador, as imagens de Nossa Senhora e do Padre Cícero, também na parede da casa, logo acima, a imagem de Jesus Cristo na cruz. Portanto, no que diz respeito às crenças, Maria se define a

partir de aspectos religiosos, morais, cognitivos e pessoais, que se destaca na família e segue atravessando gerações.

Figura 6 - Nossa senhora, Jesus e Padre Cícero atrás de Maria



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Percebemos que o ritual se perpetua, afinal o curta encerra seu enredo no mesmo momento em que começa, a mulher mais velha se vai e a filha assume seu papel educador em relação a família, colocando a filha caçula, única menina da casa para assumir seu papel na família, como uma atitude de repetição não em relação a morte que é um fenômeno natural e inevitável, mas na conduta que a mãe tem em relação à filha que é impedida de continuar sua tarefa escolar para continuar as mesmas tarefas domésticas realizadas pela mãe e a avó.

Figura 7 - Pai abençoando a filha Maria com a mão direita



Fonte: Vida Maria, curta metragem. Produção e direção por Márcio Ramos (2006)

Outros aspectos dos rituais são encontrados na narrativa como a imagem acima que retrata o ato de pedir bênção, implica no mito de ser abençoado pela

família, são valores e atitudes, ou seja, comportamento ideal da família. Cada grupo constrói a sua própria história ou o seu próprio mito. Os mitos impressos nas histórias contadas cumprem a função de imprimir a marca da família caracterizando-a.

Com relação aos segredos são atitudes que acontecem com intuito de esconder fatos que não seguem padrões familiares, isso acontece pela necessidade de esconder algum desejo, acontecimento ou sentimento individual ou coletivo. Quando revelados suas consequências provocam distanciamento nos relacionamentos, desconfiança, mal-estar, inveja, intrigas e até rupturas nos laços afetivos (FELIPPIN; WILKE, 2018).

No documentário foi possível perceber o desejo inconsciente de sair daquela situação de pobreza e vulnerabilidade, mesmo não tendo ciência de tal condição, encontramos elementos desse desejo nas meninas da família que demonstram através do caderno que há um sonho oculto em estudar e conhecer algo além da realidade retratada no documentário, mas cada mulher/menina da família o mantinham em segredo algo individual mas que ao observar o caderno mostrado ao final do documentário podemos ver, uma coletividade de gerações, nas páginas do pequeno brochura que guarda nomes e mais nomes de gerações de mulheres/meninas que por ali deixaram sua marca ao tentar “*desenhar*” o nome.

Esse segredo também pode ser observado no rosto de contentamento que a menina demonstra ao escrever o próprio nome no caderno, nesse instante que é interrompida pela mãe: “*Ó Maria José, tu não tá me ouvindo **chama não Maria?***”. Com esse ato a genitora interrompe bruscamente não apenas a atividade que Maria realizava, mas também rompe com sonho de estudar que a garota cultivava e a coloca frente a frente a uma realidade vivenciada pela própria mãe, quando sua avó, por falta de perspectiva, cometeu a mesma atitude com ela mesma Maria de Lurdes a afastando das possibilidades de sair daquele ciclo familiar.

Por fim, o legado é composto por fenômenos que revelam às gerações seguintes, principais aspectos da vida atual e que se espera que tenha nas próximas gerações. Na cena do velório a avó faleceu, mas o legado ficou, vemos isso ao final do vídeo pois vai passando até a geração seguinte. O casamento e a posteridade de ter muitos filhos, o trabalho, a mulher que fica em casa para cuidar dos filhos e o homem que sai para trabalhar, bem como a obediência dos filhos aos pais.

5. Considerações finais

É nesse cenário de seca, pobreza e misticismo que encontramos os padrões de transmissão geracionais presentes no filme, de maneira a ilustrar de forma lúdica alguns dos padrões familiares transmitidos. Os padrões transgeracionais buscados foram: crenças, valores, mitos e rituais, segredo e legado.

Em análise dos achados na literatura em nossa revisão, e ainda, a relação com o curta-metragem “Vida Maria”, Filme que recebeu uma série de prêmios nacionais e internacionais, entre eles o 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, apresentam uma circularidade narrativa, ou seja, vemos a sina se repetir em gerações distintas da mesma família.

A história das Marias (Maria de Fátima, Maria de Lourdes, Maria, Maria Izabel...) traz uma riqueza imensurável de dados retratados em sua lealdade que aparecem nas crenças, nos mitos e rituais, segredos e legado refletidos, seja na face esperançosa da menina Maria ou seja na face carrancuda da Maria mulher, o que viveram uma história familiar similar geração pós geração e que pode nos proporcionar a observação analítica do processo de transgeracionalidade, tão importantes para a abordagem sistêmica.

Dessa forma o legado de várias gerações de mulheres que tiveram suas vidas como uma repetição de seus antepassados e as reproduziram no mesmo espaço geográfico, tão cheio de simbologia e significados como o sertão nordestino. Repetindo como um ritual familiar o casamento, a geração de muitos filhos, o cuidado dos afazeres domésticos, a cultuação do sagrado e enterrando seus mortos no mesmo lugar e da mesma forma. Observando esse cenário de pobreza, de desvalorização, de quebra de expectativas desde, e a mais tenra idade, a psicologia sistêmica se coloca a colaborar com o processo de reflexão a respeito de novas possibilidades, novos caminhos, observando o padrão para poder, de maneira saudável, rompê-lo.

Como ensina Falcke e Wagner (2005, pg 45): “o termo transgeracionalidade refere-se a padrões transmitidos de pais para filhos, perpassando gerações e apresentando-se como modelos que podem ser percebidos na maioria das relações estabelecidas durante a vida.” Ainda, os autores supracitados explicam que: “Este fenômeno se constitui na transmissão de legados, mitos, aprendizados e outros aspectos advindos da família de origem para a família atual e são responsáveis por formar a identidade do indivíduo e da família, bem como caracterizar o seu funcionamento com suas idiossincrasias e transações ao longo da sua história.”

Em nosso trabalho, ao falar da teoria sistêmica, trouxemos conceitos como “co-construir realidades alternativas”, “transmissão de mandatos transgeracionais”. Essas expressões precisam estar presentes, não em forma de conceitos psicológicos, mas em práticas efetivas no processo de construção de valores sociais. Isso pode acontecer com a presença de profissionais comprometidos com o processo educacional, não de uma educação acadêmica, mas de uma educação emocional, que possibilite uma interação relacional sadia e que o sujeito possa ter acesso a essas possibilidades de aprendizado na escola, no postinho de saúde do bairro, nos centros comunitários, em fim onde quer que haja demandas familiares, que possa ser disponibilizado um apoio, seja com psicoeducação, com orientação para casais ou ainda com atividades com futuras mães, as possibilidades são inúmeras. Não abordamos as questões sociais concernentes ao caso, mas essas questões estão implícitas na vida de forma geral, já que todos nós pertencemos a um grupo, seja familiar consanguíneo ou por afinidades. Ao pertencer estamos sujeitos as transmissões transgeracionais, poder então ter a oportunidade de refletir os aspectos que nos levam a agir desta ou de outra forma, entender como minha família ou minha comunidade tomam as decisões que irão ao encontro de modelos limitadores, nos permitirá não só a reflexão, mas também a ação o movimento que poderá culminar em novos modelos de relacionamento mais afetivos, colaborativos e fraternos.

Não queremos dizer com isso que todas as mulheres na condição de Maria devam, ou vá, sair dela, mas que elas possam estar ali por escolha e cientes que novas possibilidades e novos caminhos possíveis. A educação encontrada no vídeo é simples e familiar, a família ensina um caminho apenas para que essas Marias pudessem seguir, o de dona de casa e cuidadora. Para os homens o caminho é diferente, mas também apenas um, o de marido que ensina os filhos a trabalhar no sertão e tornarem provedores do lar. Por não se tratar de uma educação emancipadora, Marias e maridos seguem suas jornadas padrão.

Pensamos, portanto, ser preciso evitar soluções muito dogmáticas e normativas, como por exemplo, conquistar uma educação que seja emancipadora, pois o conhecimento é uma arma poderosa quando se trata de mudanças sociais. Através do conhecimento compreender as diferentes realidades socioculturais e as diferentes dinâmicas familiares, pois sendo a família a base conhecedora, é ela a primeira a ensinar os padrões que levamos para fora do núcleo familiar. Libertar as mulheres dos padrões sociais limitadores e dar poder às vozes femininas, para que

possam falar dos seus desejos e de suas vontades de mudança ou simplesmente escolher estar ali.

Diante da realidade brasileira e do que foi acima exposto, conclui-se que é de extrema importância a presença da psicologia como profissão atuando onde for possível para tornar compreensível a compreensão de comportamentos nocivo as relações. Dessa maneira, emancipa o sujeito dos padrões que aprendera, libertando-o e buscando novas maneiras de lidar com suas novas aspirações, que já não cabem no mesmo desfecho.

5. Referencial bibliográfico

ARENDT, R., J., J. Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. **Estudos de Psicologia (Natal)**. 2003, v. 8, n. 1. Epub, 22 Out. 2003.

BERMÚDEZ, C.; BRIK, E. **Terapia familiar sistêmica: Aspectos teóricos y aplicaciones prácticas**. Madrid: Editorial Síntesis, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BOSZORMENYI-NAGY, I. e SPARK, G. M. **Lealtades Invisibles: reciprocidad en terapia familiar intergeneracional**. Buenos Aires, Amorrortu, 2008.

BORSA, J. C. NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011.

CASTRO, M. C. D. **Da Cibernética à teoria familiar sistêmica: um resgate dos pressupostos**. Florianópolis, 2002.

CAVALCANTE, P. F. C; MAIA, M. B. **Sertão espaço e tempo: conflitos de família e vingança privada**. O público e o privado; janeiro/junho. 2006

COSTA, L. F. A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. spe, p. 95-104, 2010.

DALLOS, R. **Sistemas de creencias familiares**. Barcelona: Paidós, 1996.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: WAGNER, Adriana (org). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCR, 2005.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: SCHULZ; COLOSSI. **A Transmissão Transgeracional dos modelos conjugais**. Porto Alegre: EDIPUCR, 2005.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 241-277.

FIGUEIREDO, M. G. DE; DINIZ, G. R. S. Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 27, n. 60, p. 100-119, 28 dez. 2018.

FIAMENGHI, Geraldo A.. Rituais familiares: alternativas para a re-união das famílias. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 4, n. 2, p. 25-29, 2002 .

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed., Porto Alegre: Bookman, 2004. 312p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed UNESP, 2000.

FELIPPIN, O, JULIANA; WILKE, E. MARIA; **Os impactos dos segredos na Família sob o Olhar da Psicologia Sistêmica**, Tangará da Serra, 2018.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 20, n. 2, p. 119-125, Aug. 2004.

GONSALVES, D. A. **Evolução Histórica da Família**, revista, I JICEX.V.1, N.1, 2013.

GRANJA, O. **DORYS La Terapia Familiar Sistémica**. Edição Abya-Yala/ Universidad Politécnica Salesiana; Quito-Ecuador; dezembro de 2008.

RAMOS, Márcio. **Vida Maria**. [Filme]. Produção de Márcio Ramos, direção de Márcio Ramos. Color. Son., 8,35 min. Brasil, 2006.

MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 19, n. 2, p. 181-197, June 2008 .

MUNHOZ, R.J.S.; CENTA, M.L.; LENARDT, M.H; **A influência dos mitos na família**: uma reflexão com vistas a um cuidado congruente no programa saúde da família, 2004.

MUNSTERBERG, H. A emoção. In: XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 4, n. 1, jun. 2004 .

PRADO, Danda. **O que é família?** São Paulo. Brasiliense 1981. (Coleção Primeiros Passos; 50).]

SOUZA, I.; MEDEIROS, J. F.. **Os degredados filhos da seca**. Editora: vozes, 1983.

TEODORO, M. L. M.; BAPTISTA, M. N. (org.). **Psicologia de família**: teoria, avaliação e intervenção. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.